

Fotografia e Pesquisa-intervenção: construção de estratégias para uma produção acadêmica inventiva

Photography and Research intervention: building strategies for inventive academic production

Fotografía e Investigación-intervención: construcción de estrategias para una producción académica inventiva

Vanessa Maurente

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre a fotografia enquanto estratégia de pesquisa-intervenção a partir de três considerações. A primeira analisa os contrapontos entre políticas inventivas e cognitivas e, a partir disto, faz uma análise da potencialidade da pesquisa-intervenção enquanto forma de tensionar modelos científicos baseados mais em resultados do que em processos. A segunda analisa a hibridicidade epistemológica da fotografia – que sustenta uma condição icônica, indiciária e simbólica a um só tempo. A terceira aborda os processos de individuação da fotografia à luz do pensamento simondoniano, discutindo sua metaestabilidade e potencialidade de desdobramentos em campo após se individuar como uma imagem fisicamente produzida. A discussão se articula a partir de alguns relatos de um projeto de pesquisa-intervenção em um hospital psiquiátrico, no qual usuários e equipe foram convidados a fotografar e produzir uma exposição com as imagens.

Palavras-chave: Pesquisa-Intervenção; Fotografia; Cognição Inventiva; Saúde Mental.

Abstract

This article presents a discussion about photography as research-intervention strategy based on three considerations. The first analyzes the counter points between inventive and cognitive policies and, from this, an analysis of the research-intervention capability as a form to question scientific models based more on results rather than on processes. The second analyzes the epistemological hybridity of photography-which holds an iconic status, evidentiary and symbolic at the same time – that may be able to shuffle established ways of seeing and acting, introducing a

"result problem", which may be of interest to the field of intervention research. The third addresses the individuation process of photography in the light of simondonian thinking, discussing its metastability and potential developments in the field after it individuates as an image physically produced. The discussion is related to a research-intervention project in a psychiatric hospital, where users and staff were invited to shoot and produce an exhibition with images.

Keywords: Intervention Research; Photography; Inventive Cognition; Mental Health.

Resumen

En este artículo se presenta una discusión sobre fotografía como estrategia de investigación-intervención a partir de tres puntos. El primero analiza los contrapuntos entre las políticas inventivas y cognitivas y, a partir de eso, hace un análisis del potencial de la investigación-intervención como una forma de tensar modelos científicos que se basan más en los resultados que en los procesos. El segundo analiza la condición de hibridez epistemológica de la fotografía. El tercero analiza el proceso de individuación de la fotografía a partir del pensamiento simondoniano, discutiendo su metaestabilidad y desarrollos potenciales en el campo después que se individualiza como una imagen producida físicamente. La discusión parte de algunos informes de un proyecto de investigación-intervención realizado en un hospital psiquiátrico, donde se invitó a los usuarios y al personal para disparar fotografías y producir una exposición con imágenes.

Palabras Clave: Investigación-Intervención; Fotografía; Cognición Inventiva; Salud Mental.

Os pressupostos da pesquisa-intervenção partem do contexto político-acadêmico denominado Movimento Institucionalista, que teve seu início na França, na década de sessenta e, na América Latina, na década seguinte. Tal movimento tinha como característica a desnaturalização das instituições, consideradas como práticas socialmente produzidas que articulam e naturalizam

formas de viver. Como nem sempre estas práticas estão a serviço do desejo, é necessário que se assumam uma posição de questionamento em relação a elas. No campo da pesquisa, os efeitos deste movimento apontam para o rompimento com as noções de verdade e neutralidade, considerando-se que a ciência é, também, uma instituição a ser colocada em análise. Além disso, surgem

práticas metodológicas, como a análise de implicações (Lourau, 2004) - que desloca o foco para o próprio pesquisador e seus atravessamentos institucionais - e a pesquisa-intervenção (Rocha & Aguiar, 2010). Esta última tem como característica a construção de dispositivos mobilizadores junto aos campos de pesquisa, a fim de intensificar e visibilizar as práticas instituídas para, no coletivo, poder problematizá-las e transformá-las. Trata-se de um estudo em processo, no qual pesquisadores, sujeitos, instituições e conhecimento se produzem em co-engendramentos.

A desnaturalização da noção de verdade e a decorrente afirmação de que toda forma de pesquisar atualiza algum tipo de política é acompanhada por uma série de teorias que buscam redefinir as formas de conhecer. Um exemplo destes questionamentos aparece em Kastrup (2005) quando afirma que a abordagem cognitivista tradicional sustenta uma relação entre sujeito e objeto do conhecimento, na qual ambos são polos pré-existentes a um encontro, do qual, por sua vez, resulta uma representação. Nessa visão, o que prevalece é a crença de que o conhecimento é configurado por esquemas cognitivos – pelo saber anterior – e a aprendizagem consiste na resolução de problemas. Como contraponto, a autora propõe

a noção de cognição inventiva, que se caracteriza não pela criatividade, que seria a destreza na construção de soluções originais para os problemas, mas pela própria invenção de problemas. Neste sentido, a cognição inventiva seria a "capacidade que a cognição tem de diferir de si mesma" (Kastrup, 2005, p.1274). A tomada destas posições como políticas diz respeito ao fato de que, em nossas práticas concretas, forjadas a partir de nossa experiência em diferentes regimes institucionais, somos levados a incorporar tanto a recongnição, quanto o funcionamento inventivo. Sendo assim, o desafio consiste em "conceber práticas que viabilizem o desencadeamento de processos de problematização que não se esgotem ao encontrar uma solução" (Kastrup, 2005, p.1282)

No campo da pesquisa-intervenção, a busca pela desnaturalização de práticas que produzem sofrimento se organiza a partir de estratégias que visam a invenção de problemas. Situações que se fazem invisíveis pela sua regularidade em um contexto institucional precisam encontrar vias de expressão e análise. Estudos sobre a potencialidade da fotografia enquanto estratégia no campo da pesquisa-intervenção (Maurente, 2010; Maurente & Diehl, 2012) tem apontado para possibilidades de deslocamento em relação às políticas cognitivas, através de uma

abertura ao improvável, imprevisto e híbrido caráter das imagens. A fotografia enquanto forma de expressão e compartilhamento de experiências por parte dos sujeitos de pesquisa é um tensionamento aos modelos produtivistas e aos modelos tradicionais de pesquisa, podendo ser considerada uma forma de resistência.

Recorrendo a noções semióticas – ícone, símbolo e índice – de Charles Peirce, Dubois (1994) situa três posições fundamentais em relação à “identidade” fotográfica. A primeira delas seria a noção de que a fotografia seria um espelho da realidade. Esta ideia está baseada em um discurso da mimese e remete a um ícone, ou seja, a uma representação por semelhança. A segunda posição epistemológica em relação à fotografia a concebe como uma transformação do real e se situa no discurso do código e da desconstrução. Nesse entendimento, a fotografia se relaciona à noção de símbolo. A terceira posição entende a fotografia como traço de um real, remetendo à noção peirciana de índice (uma representação por contiguidade física do signo com seu referente). Neste sentido:

Algo de singular, que a diferencia de todos os outros modos de representação, subsiste apesar de tudo na imagem fotográfica: um sentimento de realidade incontornável do

qual não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram para a sua elaboração (Dubois, 1994, p.26) .

Sendo assim, a fotografia estaria em uma categoria epistêmica singular que possui uma relação muito específica “com os signos, o tempo, o espaço, o real, o sujeito, o ser e o fazer.” (Dubois, 1994, p.60). Deste modo, ela se torna um "objeto" estratégico em intervenções que buscam desnaturalizar práticas instituídas, podendo fazer expressar, ao mesmo tempo, um sujeito e uma realidade e ganhando importância tanto em regimes que tomam a "verdade" como valor moral quanto em concepções que apontem para a construção de conhecimento situado. Mais do que isso, ela é capaz de trazer a experiência do conhecimento situado para o interior dos regimes de verdade que tomam como coisas separadas o sujeito e o objeto do conhecimento. Por esta razão, a aposta que se faz é a de que fotografar pode ser uma estratégia de tensionar práticas instituídas através de um processo que envolve a cognição inventiva, pois carrega um potencial de fazer com que sujeitos e instituições possam diferir-se de si mesmos.

Um exemplo deste caráter híbrido da fotografia apareceu em uma pesquisa-intervenção realizada em uma unidade in-

fantil e adolescente de um antigo hospital psiquiátrico público em Porto Alegre, no qual os jovens internados seriam convidados a fotografarem como uma forma de produzir vias de exercícios de autoria no local (Maurenre, 2010). A fotografia enquanto estratégia foi pensada ali pela constatação de que as formas de expressão dos adolescentes não ganhavam legitimidade no contexto institucional. As inscrições nas paredes eram apagadas, os desenhos e pinturas, de quando em quando, descartados, os seus comportamentos eram transcritos ao “livro” – de ocorrências – por outrem e nunca por eles mesmos. Neste contexto, a foto teve um “impacto” diferente, justamente por causa da sua condição icônica – similaridade perceptiva com o real. Na medida em que os jovens estivessem produzindo fotos ao invés de desenhos, o olhar se voltaria às produções deles de outro modo. Essa era a nossa aposta.

Apresentamos o projeto ao comitê de ética do hospital então e ele foi aceito, mas com restrições importantes: nenhuma pessoa poderia ser fotografada e o nome dos jovens não poderia aparecer nas produções. A argumentação era a de que a internação em instituição psiquiátrica produz um estigma desnecessário e prejudicial à vida dos jovens. Em um primeiro momento, tais restrições pareciam dificultar o trabalho com a

autoria. Entretanto, abriam um campo de análises a respeito da circularidade da lógica manicomial, na qual a foto foi tomada apenas como ícone. Isto faz sentido na medida em que entrávamos em uma instituição na qual as formas de ver separam o sujeito e o “objeto” que é olhado – neste caso o último sendo os pacientes – como pólos no qual um “revela” a verdade sobre o outro. A condição simbólica da foto não encontrou espaço nesta discussão inicial.

Levamos, então, o caso para discutir com os jovens. Eles compreenderam e aceitaram as restrições. Entretanto, um adolescente fez um pedido que nos surpreendeu:

Tudo bem, não vou fotografar ninguém. Mas quero pedir uma coisa. Quero que as duas oficinairas tirem uma foto comigo, e que vocês revelem para eu levar para casa. Porque a minha namorada não pode saber que internei por causa de crack, e vou mentir que fui pra praia e conheci essas duas.

Em uma construção simbólica da foto – posicionando-se no meio de duas meninas com uma parede branca atrás – ele estava usando o caráter icônico da imagem justamente para mentir que não estava ali. A fotografia permite estes deslocamentos justamente por sua condição de hibrididade epistemológica. A ideia do menino em ne-

nhum momento passou pela cabeça dos membros do comitê de ética, talvez pela sua própria situação de institucionalização.

Outros trabalhos com imagem (Maurente, 2010; Maurente & Diehl, 2012) apontam, também, para um potencial de intervenção com fotografia em função da singularidade de seus processos de individuação, compreendidos a partir da teoria de Gilbert Simondon (2009). Em uma noção ampla de indivíduo – que inclui objetos, fases de seres vivos, fases de seres técnicos, pensamentos, coletivos – Gilbert Simondon busca construir uma teoria da ontogênese através do que chama de processos de individuação. Para analisar tais processos, o autor afirma ser necessário entender o equilíbrio metaestável, que inclui o devir e permite, assim, que o ser se individue. No caso da individuação dos seres físicos há uma resolução da metaestabilidade, ou seja, eles se individualizam de uma só vez, encerrando o potencial pré-individual do sistema e deixando atrás de si a dualidade indivíduo e meio. No caso dos seres vivos, a mesma ideia de metaestabilidade é utilizada para pensar a individuação, mas esta não se produz mais de uma maneira definitiva.

Nos estudos mencionados, a fotografia é considerada como um processo com diversas fases ou individuações, sejam elas

físicas, psíquicas ou coletivas. A aposta que se faz sobre ela aponta para formas de individuação singulares: a partir de uma individuação irreversível produzida pelo artefato da máquina fotográfica, ou seja, da imagem materializada, outras individuações são possíveis e moduladas pelos regimes de verdade nos quais ela circula (Maurente & Diehl, 2012). Sendo assim, trata-se de um objeto que guarda, em si, uma metaestabilidade capaz de ser atualizada de diferentes formas em processos coletivos ou singulares posteriores.

Na mesma pesquisa-intervenção realizada em um hospital psiquiátrico e mencionada anteriormente (Maurente, 2010), realizamos também oficinas de fotografia com os trabalhadores do local: equipe fixa (psicólogos, psiquiatras, pedagogos, assistentes sociais, enfermeiros, auxiliares de enfermagem) e terceirizada (vigilante do local). Propusemos que eles fotografassem buscando expressar como percebem o local. Após isto, apresentávamos as imagens a cada um dos participantes em um *laptop* e pedíamos que falassem sobre as fotos. Deixávamos claro que não esperávamos que eles explicassem as imagens, no sentido de “traduzi-las” em palavras, mas que pudessem criar desdobramentos verbais a partir delas. Isto porque entendemos que a imagem

e a palavra são registros distintos e irreduzíveis a uma relação de reciprocidade. Por outro lado, uma vez produzida, a imagem pode disparar vias de expressão e reflexão num plano verbal que seriam impensáveis antes dela.

Para ficar mais claro, é possível trazer o exemplo da produção de um dos integrantes das oficinas, o vigilante do serviço, da equipe terceirizada.

Imagem 1: Ao ver a fotografia produzida no laptop, ele perguntou: “por que existe este cartaz, todo sublinhado e com flechas?” E respondeu: “porque as regras aqui não são discutíveis. Quando alguém pergunta algo a gente só repete (e sublinha) o que já foi dito.”

Imagem 2: Sobre a imagem 2, ele fala: “Aí está a sala de atividades, onde eles fazem festas, confraternizam, esquecem um pouco que eles estão nesta situação. Olha, eu também estou ali refletido! E será que eu não sou um deles? No que eu me diferencio deles?”

Imagem 3: Sobre a imagem 3 ele perguntou: “porque este campinho está vazio aqui no hospital?” E respondeu:

porque criança, quando joga bola, quando brinca, não separa louco e não louco. Tu já viu jogar criança normal contra criança anormal? Imagina um juiz apitando piii normal?

mais para este time, anormais para aquele. Tu acha que elas se separam?

Os relatos do vigilante sobre as fotos permitiram uma série de discussões e análises junto a equipe, pois trouxeram um modo “problemático” de ver o local e a própria instituição “doença mental”. Desde um lugar de fora da “área da saúde mental”, este sujeito falou também sobre o caráter prisional do tratamento em hospitais psiquiátricos – no qual ele é o vigilante –, fotografando o altíssimo muro que separa a rua do serviço. Também fotografou pássaros no céu, mencionando que somente estes podem entrar e sair do local. Falou também sobre desconexão entre o tratamento dentro e fora do hospital. Na sua opinião, é o “ambiente” que produz a doença e não adianta uma internação se os jovens irão voltar para o mesmo local de onde vieram. A experiência de acessar “vozes” e olhares de sujeitos menos institucionalizados é uma importante estratégia para construir espaços de auto-análise e auto-gestão.

Quanto à discussão teórica aqui apresentada poderíamos considerar que a imagem produzida – fisicamente individualizada de uma só vez – mantém seu potencial metaestável na medida em que pode inspirar análises diversas, servindo a planos de legi-

timação de discursos distintos nas instituições pelas quais circula. A fotografia do menino com as oficinas poderia servir tanto para construir uma ficção diferente para a sua vida, quanto para provar que ele havia sido internado em um hospital psiquiátrico caso ele viesse a se candidatar a prefeito um dia. As fotografias do vigilante poderiam servir para um processo de análise institucional ou cair na categoria de registro icônico. O “campo vazio” inicialmente remetia às restrições do comitê de ética de que nenhuma criança poderia aparecer nas fotografias, mas posteriormente, permitiu as análises realizadas pelo vigilante sobre a instituição “doença mental”.

Neste sentido, a fotografia articulada a proposições específicas na pesquisa-intervenção, pode ser uma estratégia na medida em que sustenta uma hibrididade epistemológica, embaralhando campos de saber e permitindo a criação de linhas de fuga. Mesmo nos contextos institucionais mais rígidos, pode fazer emergir o instituído e o instituinte, através da explicitação de múltiplas vias para ver e pensar. Construir novas formas de relação com o cotidiano prescinde de estratégias da ordem da sensibilidade. A fotografia tem-se mostrado um artefato interessante frente a estes desafios, especialmente quando produzida pelos sujei-

tos de pesquisa, pois possui uma complexidade inerente pelo fato de ser considerada como uma cópia do real (ícone), uma prova (índice) e uma construção da realidade (símbolo) ao mesmo tempo, além de guardar, em si, um potencial metaestável que dá continuidade aos processos de individuação a partir de sua circulação. Sendo assim, um “resultado fotográfico” torna-se um “resulta-problema” pois permite que dele se desdobrem inúmeras formas de análise, tanto para o contexto acadêmico, quanto para as instituições nas quais a pesquisa-intervenção se realiza.

Referências

- Dubois, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas, Papyrus, 1994.
- Lourau, R. Implicação e sobreimplicação. In: Altoé, S (Org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 186-198.
- Kastrup, Virgínia. Políticas Cognitivas na formação do professor e o problema do devir mestre. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005 <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/2>

- [7279.pdf](#) disponível em 29 de julho de 2014.
- Foucault, Michel. *O sujeito e o poder*. In: Dreyfus Hubert. e Rabinow, Paul. Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro, p.231 a 250. Forense Universitária, 1995.
- _____. *O que é um autor* In: Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema, p. 264 a 298. São Paulo, Forense Universitária, 2001.
- _____. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade* In: Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política, p.264 a 287. São Paulo, Forense Universitária, 2004.
- Maurenre, Vanessa & Tittoni, Jaqueline. Imagens em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis In: Psicologia e Sociedade – revista da Associação Brasileira de Psicologia Social/ ABRAPSO. v.19 n.3 Porto Alegre, UFRGS, 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300006 disponível em 29 de julho de 2014.
- Maurenre, Vanessa, Tittoni, Jaqueline & BLANCH, Joseph M. Capitalismo organizacional em universidades públicas através de intervenção fotográfica. Anais II Conferência Internacional de Psicologia Comunitária. Lisboa, 2008.
- Maurenre, Vanessa & Maraschin, Cleci. Biazus, Maria C. V. Modulações de acoplamento tecnológico como estratégia de pesquisa e intervenção. In: Revista Educação & Realidade. UFRGS Editora, Porto Alegre, 2008. <http://seer.ufrgs.br/educacao/article/view/8460> disponível em 29 de julho de 2014.
- Maurenre, Vanessa. Imagens do hospício vazio: fotografia, pesquisa e intervenção. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Informática na Educação PPGIE/UFRGS. 2010 <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21842/000737742.pdf> disponível em 29 de julho de 2014.
- Rocha, Marisa Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento In: Psico v. 37, n. 2, pp. 169-174, maio/ago. 2006. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1431> disponível em 29 de julho de 2014.
- Maurenre, Vanessa. DIEHL, Rafael. *A individualização fotográfica*. In: Informática

- na Educação teoria & prática, UFRGS, v.15, n.1, 2012. <http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/23340> disponível em 29 de julho de 2014.
- Rocha, Marisa, Aguiar, Kátia *Entreatos: percursos e construções da psicologia na rede pública de ensino* In: Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 10, N.1, P. 68-84, 2010. <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a06.pdf> disponível em 29 de julho de 2014.
- Simondon, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris, Editions Aubier, 2001.
- Tourinho, E. & Bastos, A. V. B. (2011, novembro). *Desafios da Pós-Graduação em Psicologia no Brasil*. Palestra proferida na Sessão Especial apresentada na 41ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Belém. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000400005 disponível em 29 de julho de 2014
- Veiga-Neto, Alfredo. *Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle* In: Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas - XIV ENDIPE, 2012
-
- Vanessa Maurenre:** Formada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- E-mail:** vanessamaurenre@yahoo.com.br
-
- Enviado em:** 30/07/2014 – **Aceito em:** 31/10/2014
-

Imagens



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3